



COMUNICAÇÃO AFETIVA



Informativo do Núcleo de Prevenção e Atenção de Conflitos do TRE-BA (NUPAC)

JANEIRO/2025



VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM DISPOSITIVO DE GÊNERO?

por Rita Moinhos

Imagine se pudéssemos enxergar a sociedade como um grande palco, onde cada um de nós desempenha papéis que, muitas vezes, foram escritos antes mesmo de nascermos. Esses "papéis" que seguimos, especialmente quando falamos sobre o que é ser homem ou mulher, são influenciados por algo que a filósofa e psicóloga Valeska Zanello chama de dispositivo de gênero. Mas o que isso significa?

O dispositivo de gênero é como um conjunto invisível de normas e expectativas que moldam nossos comportamentos, pensamentos e sentimentos com base no que a sociedade entende como "masculino" ou "feminino". Ele nos ensina que mulheres devem ser cuidadoras e sensíveis, enquanto homens precisam ser fortes, racionais e assertivos. Mas o impacto disso vai além de características pessoais; ele molda a forma como nos relacionamos, como somos tratados e até mesmo as oportunidades que temos.

Para as mulheres, os dispositivos de gênero muitas vezes tornam o ambiente de trabalho um espaço desafiador. Valeska Zanello destaca como essas normas culturais podem limitar a atuação feminina, relegando-as a papéis de suporte ou invalidando suas competências. Quantas vezes as mulheres precisam provar seu valor repetidamente, enquanto seus colegas homens recebem reconhecimento imediato? Quantas ideias apresentadas por mulheres são ignoradas, mas ganham destaque quando repetidas por homens? Essas dinâmicas, frequentemente naturalizadas, são reflexos diretos do dispositivo de gênero.

Os homens, por sua vez, também enfrentam os efeitos desse dispositivo. A pressão para serem sempre fortes, bem-sucedidos e emocionalmente contidos pode gerar impactos profundos na saúde mental. A rigidez dessas normas dificulta que os homens expressem vulnerabilidades ou busquem ajuda em momentos de dificuldade, perpetuando o isolamento e os conflitos internos.

Recentemente essa questão ganhou notoriedade ante a complexidade e polêmica sobre a recente mudança na Política de Conduta de Ódio da Meta, liderada por Mark Zuckerberg. A decisão de flexibilizar a moderação de conteúdos relacionados a gênero e orientação sexual, sob o argumento de promover a liberdade de expressão, gerou grande repercussão no Brasil. Embora o debate seja importante, como destacou o CEO da Meta, especialistas e a Advocacia-Geral da União (AGU) alertam que a medida pode abrir espaço para discursos de ódio e violação de direitos humanos.

Essas mudanças, segundo mencionado pelo CEO da Meta, incluem permitir associações entre doenças mentais e identidade de gênero em contextos políticos e religiosos, ponto exato em que toca a abordagem de Zanello sobre os impactos do dispositivo de gênero, que destaca no livro, como normas culturais podem ser usadas para perpetuar desigualdades. Essas duas perspectivas reforçam a necessidade de práticas que promovam um diálogo verdadeiramente respeitoso, como a Justiça Restaurativa.

Em um caso envolvendo assédio moral, por exemplo, um círculo restaurativo pode permitir que as partes envolvidas compartilhem suas histórias e compreendam as motivações e os impactos de suas ações. As mulheres, que muitas vezes enfrentam dificuldades impostas pelos dispositivos de gênero, têm a oportunidade de expressar, e muitas vezes, pela escuta no círculo, até tomarem consciência de como essas dinâmicas as afetam. Já os homens, ao participarem desses espaços de diálogo, podem refletir sobre como essas mesmas normas culturais influenciam seus próprios comportamentos, limitando também suas possibilidades de expressão, conexão e capacidade de resolução não violenta de conflitos, por exemplo. Esse processo restaurativo-constructivo não busca apontar culpados, mas sim compreender como padrões históricos e culturais impactam a todos, abrindo caminho para reparação, transformação e um ambiente mais equilibrado e respeitoso.

Um ponto interessante: quando entendemos que assédio, discriminação e conflitos de gênero não são apenas problemas individuais, mas sintomas de um sistema maior, percebemos o potencial transformador das práticas restaurativas. Elas não apenas resolvem o problema imediato, mas também plantam a semente para uma cultura mais igualitária e consciente, fortalecendo grupos e incentivando ações construtivas.

O dispositivo de gênero é um tema profundo, e compreender como ele afeta homens e mulheres de formas diferentes, mas igualmente limitadoras, é o primeiro passo para mudanças significativas. No TRE-BA, essa abordagem pode prevenir e lidar com conflitos enquanto cria um espaço onde igualdade e respeito não sejam apenas ideais – sejam realidades vividas. E, como vimos, até a recente polêmica envolvendo a Meta reforça a importância de equilíbrio: liberdade de expressão é crucial, mas sem empatia e responsabilidade, pode se transformar em mais uma ferramenta de opressão.

Rita Moinhos é Analista Judiciária do TRE-BA e gerente do NUPAC